

Igreja de Cristo e anti-igreja

*"E Jesus, respondendo, disse-lhes:
Acautelai-vos, que ninguém vos engane;"*

(Mt 24.4)

Por mais anti-ecumênico que possa soar, existem apenas duas igrejas: a Igreja de Cristo e a anti-igreja (ou, no dizer das Sagradas Escrituras, a “sinagoga de Satanás”, que se rebela e se distancia do espírito de unidade instituído por Jesus).⁽¹⁾

E, por isso mesmo, duas doutrinas: a doutrina de Deus, na figura incomparável do Cristo e dos profetas, e a doutrina dos homens, o conhecimento esotérico – que é a doutrina da “velha serpente”.

A doutrina do Cristo é revelada a todos, indistintamente, proclamada “sobre a montanha”⁽²⁾ e erguida como “candeia sobre o alqueire”, proclamada sobre os eirados.

“O que vos digo na escuridão, dizei-o às claras. O que vos é dito ao ouvido, publicai-o de cima dos telhados.” (Mt. 10,27)

Por sua vez a doutrina gnóstica da “nova era” ou a “super-ecumênica” espiritualidade moderna da “nova ordem mundial”, astuciosa e dissimuladamente se opõe à doutrina do Cristo, sob o véu do “segredo”, da “iniciação”. Impõe-se através de meras práticas humanas (leitura de cartas e tarôs, meditações, mantras, cristais, alquimia, astrologia, ioga, numerologia, alinhamento de chacras, fluidoterapia, canalizações, regressões de memória, projeções e “cirurgias” psíquicas ou astrais, cromoterapia, oferendas a espíritos da natureza, feitiçaria, rituais bizarros, evocações, conjurações, sexo ritual, bruxaria, satanismo, crença em seres de outras dimensões e planetas, etc.)

Ou seja, estão em oposição à doutrina de Cristo todas essas práticas que procedem do tão exaltado “conhecimento” que, na verdade, surge transmitido da obscuridade dos templos de mistérios, ou então, disseminado agora em larga escala pelo exclusivismo isolacionista das seitas, dos círculos, grupos e práticas esotéricas/ocultistas/orientalistas/espiritualistas...

⁽¹⁾ “ Eu conheço a tua angústia e a tua pobreza - ainda que sejas rico - e também as difamações daqueles que se dizem judeus e não o são; são apenas uma sinagoga de Satanás.” (Ap. 2, 9)

⁽²⁾ “Vendo aquelas multidões, Jesus subiu à montanha. Sentou-se e seus discípulos aproximaram-se dele.”(Mt 5, 1)

Ao longo da história da Igreja, nestes dois milênios, sempre houve uma persistente tentativa de infiltração gnóstica no seio da alta hierarquia sacerdotal

Desde os primeiros tempos do Cristianismo, os Apóstolos já lutavam contra a infiltração das heresias gnósticas na Igreja nascente.

O Novo Testamento relata o caso de Simão, o mago, que manifestava em sua ânsia de poder sobrenatural o típico exemplo de comportamento gnóstico.

Essa sua sede de poder fica evidente quando ele vê a insipiência de sua magia diante da sobrenaturalidade do poder do Deus Vivo manifestando-se nos prodígios de Pedro e dos Apóstolos (At. 8, 9-10)

Ao longo da história da Igreja, nestes dois milênios, sempre houve uma persistente tentativa de infiltração gnóstica no seio da alta hierarquia sacerdotal. Isso pode ser constatado na assimilação de certos elementos e costumes pagãos, que foram incorporados progressivamente no culto cristão. Essa infiltração algumas vezes foi bem sucedida, outras vezes não.

Nos últimos três séculos, podemos ter alguma noção desses trágicos desvios através das duras mensagens de Maria Santíssima dirigidas exclusivamente ao clero católico.

Apesar de sua missa redentora, o colégio apostólico de Cristo, desde o seu início, sempre deu mostras da fragilidade humana e de sua propensão para cometer erros

E como estamos refletindo aqui, o próprio Cristo jamais disse que a trajetória terrena de Sua Igreja seria fácil e perfeita – o que não significa desculpa para erros e arbitrariedades cometidas por seus altos prelados.

O colégio apostólico de Cristo, desde o seu início, sempre deu mostras da fragilidade humana e de sua propensão para cometer erros: Tiago e João disputam pela supremacia de poder (Mt 18, 1), Judas trai Jesus por 30 moedas (Mt 26, 15), Pedro O nega três vezes (Mc 14, 72, os discípulos fogem no momento extremo da prisão de seu Mestre (Mt 26, 56), Tomé duvida de Sua ressurreição (Jo 20, 24-25).

E mesmo depois, no início da Igreja, é possível verificar muitas dissensões, algumas delas sanadas graças ao amor fervoroso que a comunidade devotava ao Cristo ressuscitado, e outras conciliadas pela intervenção do Alto (cf. em Atos dos Apóstolos, cartas de Paulo, cartas dos Apóstolos e também em Apocalipse).

Obviamente, com o passar do tempo e as circunstâncias históricas de cada época, tornou-se tentador considerar a influência de Roma simplesmente como um exército maquiavélico de controle. No entanto, tal interpretação seria historicamente inexata, afirma o teólogo e historiador

Donald Spoto. Em sua perspectiva histórica a Igreja de Roma, “apesar de seus muitos equívocos graves, sua imitação por vezes cega das estruturas de poder mundano e seus erros de avaliação, freqüentemente infelizes sobre os caminhos do autêntico Cristianismo, a Igreja também se dedicou, ainda que paradoxalmente, mas com empenho, à reforma da vida espiritual”.

Cristo foi, é e será Ele próprio o penhor de Sua Igreja – que é o Seu corpo – em todos os tempos

A verdade é que acima da inconstância humana perdura a promessa sagrada de Cristo sobre Sua Igreja, mantendo-se incólume através dos séculos para os que Lhe guardam a fé.

Por mais que essa afirmação possa desagradar a opinião humana contemporânea, realmente o Cristo foi, é e será Ele próprio o penhor de Sua Igreja – que é o Seu corpo – (1Cor 12, 27) em todos os tempos:

“É me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém” (Mt 28, 18-20)

Jesus Cristo revela-nos qual deve ser a unidade da Sua Igreja

Em seu livro *Apelos da Mensagem de Fátima*, a irmã Lúcia – que recebeu a graça de ser intermediadora de Maria Santíssima e de Jesus para as gerações de dura cerviz da era moderna – referindo-se ao papel da Igreja, conforme pretendido e estabelecido pelo próprio Cristo por ocasião de Sua oração na última ceia, faz os seguintes comentários:

“Vemos que Jesus roga ao Pai não só pelos Apóstolos, mas também por todos nós que havíamos de acreditar n’Ele e na Sua palavra, que nos seria transmitida pelos Apóstolos e seus sucessores. E que pede Ele ao Pai? *Que os membros da Sua Igreja permaneçam tão unidos entre si que formem um só*: “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em Mim, para que todos sejam um só”; e “isto para que o mundo reconheça que Tu Me enviaste e os amaste, como Me amaste a Mim” e “para que eles sejam perfeitos na unidade”. Com estas palavras, Jesus Cristo revela-nos qual deve ser a unidade que não admite partilha: “Dei-lhes a glória que Tu me deste, para que sejam um como Nós somos um”. Unidos pela mesma fé, esperança e caridade”.

Na alegoria da videira e dos ramos, vemos que a vida dos membros do Corpo Místico, que é a Igreja, depende da união deles com o Cristo

Lúcia, que bebeu diretamente da luz de Maria e Jesus, ainda prossegue:

“Antes desta oração a Seu Pai, Jesus demora-Se longamente a falar com os Seus discípulos, dizendo-lhes a certo momento: *“Permaneçei em Mim e Eu permanecerei em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo se não estiver na videira, assim acontecerá convosco, se não estiverdes em Mim. Eu sou a videira, vós os ramos; quem está em Mim e Eu nele, esse dá muitos frutos; porque sem Mim nada podeis fazer.* Se alguém não estiver em Mim, será lançado fora, como o ramo, e secará; lança-lo-ão ao fogo e arderá”. (Jo 15, 4-6)

Nesta alegoria da videira e dos ramos, vemos que a vida dos membros do Corpo Místico, que é a Igreja, depende da união deles com o Cristo. Ele é a Cabeça da Igreja na pessoa do Seu Representante, e nós somos os membros; Ele é a videira, e nós somos os ramos. Assim como o ramo, separado da videira, seca e não dá fruto, do mesmo modo se nós, pelo pecado, nos separamos da verdadeira cepa, que é Cristo, deixando de nutrir-nos da seiva da Sua graça, definhamos, secamos, não damos fruto e para nada mais valemos que não seja para o fogo eterno”. *Eis porque todo o objetivo do governo oculto do mundo é denegrir Cristo e Sua Igreja.*

“Rezai, rezai muito e fazei sacrifício pela conversão dos pecadores”

Comentando sobre a sorte dos que, desorientados por falsas idéias, pelas tentações do mundo, do demônio ou da carne, se deixam arrastar e se separam do verdadeiro Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja, Irmã Lúcia adverte: *“sem os seguir, devemos orar e sacrificarmo-nos por eles, para que regressem ao bom caminho, porque Deus não quer que o pecador se perca, mas que se converta e viva”.*

Então, definindo o verdadeiro espírito do Cristianismo tão tenazmente combatido, Lúcia acrescenta:

“Este é o motivo por que Nossa Senhora tanto nos recomendou a oração e o sacrifício pela conversão dos pecadores: *“Rezai, rezai muito e fazei sacrifício pela conversão dos pecadores. Vão muitas almas para o inferno, por não haver quem se sacrifique e peça por elas”* (Fátima, 19 de agosto de 1917). Portanto, pela nossa união com Cristo, com a Sua Igreja, devemos tornar-nos vítimas de expiação e de súplica pela conversão dos nossos irmãos. Está nisso o ponto ideal da nossa caridade: amar aqueles que talvez falam mal de nós, nos contradizem e perseguem. O nosso perdão, a eles oferecido na luz da fé, da esperança e da caridade, atraí-los-á de novo para os braços de Deus”.

O próprio Cristo claramente adverte sobre os ladrões do rebanho que não entram pela porta

Certamente, nossa atitude em virar as costas para a Igreja em nome do livre-arbítrio, do livre-pensamento, do indiferentismo é equivalente ao gesto de virar as costas para o supremo sacrifício de Cristo que ofereceu o Seu caminho salvífico para todos, com as garantias que Ele próprio estabeleceu e com o penhor de Sua perene proteção espiritual “até a consumação dos séculos”.

E isso equivale também a optar por nortear-se espiritualmente através de *outras práticas e orientações doutrinárias*, por “tradição”, por “preceitos humanos” e “conhecimento” não correspondentes àqueles deixados por Jesus, pelos Apóstolos e pela tradição cristã. Ou, no mínimo, orientações doutrinárias aparentemente cristãs mas desfiguradas pelos “enxertos” e “fermentos farisaicos” esotéricos ou de contraditórias e empoladas revelações canalizadas (ou mediúnicas) antropocentristas.

O próprio Cristo claramente adverte sobre os ladrões do rebanho que não entram pela porta:

“Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador”. (Jo, 10, 1)

“Não procede do Pai”

Ladrões e salteadores que se aproximam com a fala mansa de suas seduções. É a mesma história de sempre porque é a história da salvação humana. Por isso, outra coisa não fazem os profetas senão clamarem a constante advertência divina sobre a única fonte da qual procede a verdade de Deus:

“Eis que eu sou contra os que profetizam sonhos mentirosos, diz o Senhor, e os contam, e fazem errar o meu povo com as suas mentiras e com as suas leviandades; pois EU NÃO OS ENVIEI, nem lhes dei ordem; e não trouxeram proveito algum a este povo, diz o Senhor.” (Jr 23-32)

A Revelação é clara, a estes profetas: “EU NÃO OS ENVIEI”, isto é, “NÃO PROCEDE DO PAI”, conforme declara João (Jo, 2, 16).

Lamentavelmente, são inúmeros aqueles que voluntariamente acolhem e continuarão acolhendo os ladrões e salteadores, se contaminando com suas doutrinas de perdição, doutrinas estas que os levarão à morte eterna, que é a separação total de Deus, ficando sob o jugo do demônio, em sofrimentos perpétuos, uma vez que a foi a este que preferiram ouvir quando estavam na Terra. (Texto extraído de: www.mensagensdemaria.org)

